

## ÚLTIMA FOLHA

Musa, desce do alto da montanha  
Onde aspiraste o aroma da poesia,  
E deixa ao eco dos sagrados ermos  
A última harmonia.

Dos teus cabelos de ouro, que beijavam  
Na amena tarde as virações perdidas,  
Deixa cair ao chão as alvas rosas  
E as alvas margaridas.

Vês? Não é noite, não, este ar sombrio  
Que nos esconde o céu. Inda no poente  
Não quebra os raios pálidos e frios  
O sol resplandecente.

Vês? Lá ao fundo o vale árido e seco  
Abre-se, como um leito mortuário;  
Espera-te o silêncio da planície,  
Como um frio sudário.

Desce. Virá um dia em que mais bela,  
Mais alegre, mais cheia de harmonias,  
Voltes a procurar a voz cadente  
Dos teus primeiros dias.

Então coroarás a ingênua fronte  
Das flores da manhã, – e ao monte agreste,  
Como a noiva fantástica dos ermos,  
Irás, musa celeste!

Então, nas horas solenes  
Em que o místico himeneu  
Une em abraço divino  
Verde a terra, azul o céu;

Quando, já finda a tormenta  
Que a natureza enlutou,  
Bafeja a brisa suave  
Cedros que vento abalou;

E o rio, a árvore e o campo,  
A areia, a face do mar,  
Parecem, como um concerto,  
Palpitar, sorrir, orar;

Então sim, alma de poeta,  
Nos teus sonhos cantarás  
A glória da natureza,  
A ventura, o amor e a paz!

Ah! mas então será mais alto ainda;  
Lá onde a alma do vate  
Possa escutar os anjos,  
E onde não chegue o vão rumor dos homens;

Lá onde, abrindo as asas ambiciosas,  
Possa adejar no espaço luminoso,  
Viver de luz mais viva e de ar mais puro,  
Fartar-se do infinito!

Musa, desce do alto da montanha  
Onde aspiraste o aroma da poesia,  
E deixa ao eco dos sagrados ermos  
A última harmonia!

MACHADO DE ASSIS

[*Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901. p. 50-52]

Editor: José Américo Miranda